



ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

17542 - Resumo Expandido - Trabalho - 16ª Reunião Científica Regional da ANPEd - Sudeste (2024)
 ISSN: 2595-7945
 GT 23 - Gênero, Sexualidade e Educação

TRANSFEMINISMO: AMPLIANDO OLHARES EM TORNO DE MOVIMENTOS DE MULHERIDADES E FEMINILIDADES

Thatiane Santos Ruas - UEMG - Universidade do Estado de Minas Gerais

TRANSFEMINISMO: AMPLIANDO OLHARES EM TORNO DE MOVIMENTOS DE MULHERIDADES E FEMINILIDADES

A poeta e artista feminista Angélica Freitas, na obra “Um útero é do tamanho de um punho” (2013), nos brinda com vários poemas, entre eles, o “mulher depois”, no qual aponta, de forma poética, cômica e trágica a realidade por que passam diversas pessoas em busca da descoberta, do reconhecimento e da aceitação ou rejeição do próprio corpo, bem como do enfrentamento de experiências decorrentes de ser um corpo deslocado socialmente, mas que, também, provoca inquietações e mudanças. Esses corpos são gentes que, por não seguirem padrões e normas sexuadas construídas socialmente e culturalmente, são considerados dissidentes e desviantes da gramática social cisheteropatriarcal. Tais inquietações fizeram parte de pesquisas teóricas desenvolvidas durante o curso de doutorado em educação, no qual a autora deste resumo estudou sobre a interseccionalidade de classe, gênero e raça na Educação de Jovens e Adultos. A abordagem metodológica deste estudo é a pesquisa qualitativa em Educação e o procedimento utilizado foi a revisão de literatura. Por muito tempo o feminismo foi identificado sob o ponto de vista de construção de uma mulher única, universal (Teles, 2017). Na contemporaneidade, os feminismos abrangem lutas que perpassam as mulheridades de feminilidades, em que se considera o ser mulher enquanto experiência de corpo, afetividade e sexualidade. Os movimentos sociais de pessoas LGBTQIAPN+ e apoiadores(as) expressam as manifestações de rompimento com a cisheteronormatividade, provocando deslocamentos e construindo outros significados e sentidos de gênero, desejo e sexualidade. No formato heteronormativo, o corpo deve ser educado para produzir e reproduzir o modelo normativo em vigência. As pessoas que não cumprem as regras são consideradas desviantes, transgressoras. Todavia, é preciso compreender que “as identidades

sexuais são concebidas pelas relações de poder de uma sociedade, constituídas historicamente por meio de discursos reguladores sobre o sexo.” (Rios, 2020, p. 366). O referido autor destaca que a sexualidade, historicamente “foi entendida como um dispositivo sobre o qual incidem distintas estratégias de poder-saber.” (Rios, 2020, p. 358) em que gays, lésbicas, transexuais e travestis se constituíram enquanto seres estranhos, corpos objetos e estigmatizados ao transgredir as normas de gênero ancoradas na heteronormatividade, pela qual se pressupõe que todas as pessoas são heterossexuais. Nesse contexto, Letícia Nascimento, em sua obra *Transfeminismo* (2021), expõe inquietações essenciais para o pleito em movimentos feministas: o que é ser mulher ? e quem pode ser mulher? são questionamentos centrais para se repensar os papéis de gênero construídos, de acordo com Nilma Lino Gomes (2019), em consonância com o ideal patriarcal, machista, misógino e LGBTfóbico, somados aos pensamentos racista e xenofóbico exercidos pelo comando de grupo racial sobre o outro. Considerando esses e outros desafios, Nascimento (2021), ao indagar sobre o porquê de não poder ser mulher, diz: “A interrogação de se nós, mulheres transexuais e travestis, somos ou não mulheres, é um martelar constante, dúvida produzida pelo não enquadramento de nossas experiências dentro do CISTema colonial moderno de gênero”(Nascimento, 2021, p. 17). Além disso, Nascimento (2021) coloca a situação de mulheres transexuais e travestis que, normalmente, têm suas infâncias roubadas e vivem sob a vigilância constante do binarismo dos gêneros, o que produz violências cotidianas. Não obstante a esse cenário, há formas de subversão que possibilitam a performance de posturas transgressoras de vivenciar as feminilidades (LOURO, 2004), as quais, a sociedade de modo geral, necessita aprender a ouvir as experiências das mulheridades e feminilidades considerando sua pluralidade. (Nascimento, 2021). Tais discussões evidenciam as intenções de ampliação das abordagens feministas a partir de uma postura de não desconsiderar o que já foi produzido e da necessidade incorporação de pautas relativas a pluralidade dos corpos e desejos, já que as experiências diversas exigem diferentes teorizações e demandas políticas dentro do feminismo. “Manter a pluralidade de vivências no caleidoscópio feminista significa entender que, apesar de diferentes, conectamo-nos com estruturas de opressão semelhantes.(...)” (Nascimento, 2021, p. 22) Assim, o transfeminismo indica um movimento que subverte o conceito de gênero, já que este, entendido como performance, deveria considerar mulheres transexuais e travestis no feminismo. “A questão que me parece limitante é: quem pode ser mulher? Ora, se apenas corpos com vagina podem se tornar mulheres, não seria essa concepção uma essencialização de categorias tão marcadas na cultura (...)?” (Nascimento, 2021, p. 42). Nessa direção, Jaqueline Gomes de Jesus e Hailey Alves (2012) consideram o feminismo transgênero como uma filosofia e uma práxis acerca das identidades transgêneras que almejam a transformação dos feminismos. Assim, o transfeminismo emplaca pautas que constituem uma vasta rede de produções epistemológicas sobre as opressões de gênero, bem como reivindicações por direitos, muitas vezes negados às pessoas trans em suas especificidades. Jaqueline de Jesus (2016, p. 62) complementa o cenário relatando que historicamente, a população transgênero ou trans é estigmatizada, marginalizada e perseguida, devido à crença de que o "natural" é que o gênero atribuído ao nascimento seja aquele com o qual as pessoas se identificam. Em nosso

país, o espaço reservado a homens e mulheres transexuais, e a travestis é o da exclusão extrema, sem acesso a direitos civis básicos, sequer ao reconhecimento de sua identidade. Desse modo, a criação do transfeminismo surge como a concepção de outra linha de batalha para atuar contra o sexismo e a transfobia e pautar políticas específicas de reconhecimento do segmento trans. Conclui-se que as potências dos feminismos plurais são molas propulsoras para transformações sociais profundas, por isso a sororidade se faz mister tanto para suportar as dores que o processo de empoderamento traz (como o feminicídio e outras violências noticiadas diariamente), quanto para que as pessoas desfrutem das conquistas destinadas às mulheridades e feminilidades, assim como para que continuem as lutas em prol de uma sociedade mais justa e equânime. Espera-se que discussões como essa façam parte do planejamento de políticas públicas e da formação de profissionais da Educação. Nesse sentido, é interessante ensinar e aprender a transgredir de mãos dadas com nossas irmãs, exercendo a solidariedade feminista (hooks, 2017).

Palavras-chave: Transfeminismo, Gênero, Mulheridades. Feminilidades. Heteronormatividade.

REFERÊNCIAS

- FREITAS, Angélica. *Um útero é do tamanho de um punho*. São Paulo: Cosac Nify, 2013.
- GOMES, Nilma Lino. Libertando-se das amaras: reflexões sobre gênero, raça e poder. *Currículo sem Fronteiras*, v. 19, n. 2, p. 609-627, maio/ago. 2019.
- RIOS, Pedro Paulo S. Práticas pedagógicas e a construção de masculinidades-homossexualidades na escola. IN: SILVA; A. L. G. da; SILVA, J. J. C.; RODRIGUEZ, V. M. A. (Org.) *Interseccionalidades em pauta: gênero, raça, sexualidades e classe social*. Salvador: EDUFBA, 2020.
- hooks, bell. *Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade*. 2. ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2017.
- JESUS, Jaqueline de. Guia inclusivo dos muito gêneros. IN: QUEIROZ, Nana. *Você já é feminista!* São Paulo: Jandaíra, 2016.
- JESUS, J. G. de; ALVES, H. Feminismo transgênero e movimentos de mulheres transexuais. *Revista Cronos, [S. l.]*, v. 11, n. 2, 2012.
- LOURO, Guacira Lopes. *Um corpo estranho – ensaios sobre sexualidade e teoria queer*. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.
- NASCIMENTO, Letícia. *Transfeminismo*. Coleção Feminismos Plurais. São Paulo: Jandaíra, 2021.

TELES, Maria Amélia de Almeida. *Breve história do feminismo no Brasil e outros ensaios*. São Paulo: Alameda, 2017.